Projetos urbanos e subjetividade na travessia cotidiana do Capão Redondo

POR OTÁVIO CAMPOS ARANTES, VOLIA REGINA KATO E LIZETE MARIA RUBANO

"Minhoca de metal que corta as ruas". CR, 2022. © OTÁVIO CAMPOS ARANTES

¶ O DESEJO DE QUE MAIS PESSOAS vivam próximas às estruturas de mobilidade, aos equipamentos públicos, às oportunidades de trabalho, na cidade equipada, representa uma busca de equidade na vida urbana. Mais que um desejo, as políticas públicas deveriam contemplar o acesso ao território infraestruturado como condição primeira, enfrentando o dispositivo coercitivo e excludente da propriedade privada com a função social da propriedade, colocada como princípio pelo Estatuto da Cidade, promulgado em 2001, e tão pouco implementado.

Como outros territórios periféricos, marcados pela violência e ausência de Estado, o Capão Redondo foi palco de um registro expressivo das condições precárias postas como limitadoras de experiências e de perspectivas econômicas aos seus moradores. Entretanto caracterizou-se, também, como lócus de extraordinária riqueza cultural a nível nacional.

> "O Capão não tinha nada a oferecer nessa época, além de lama e tomar tiro...íamos para o centro para ver luz" (Mano Brown in "Racionais MC's. Das ruas de São Paulo pro mundo", longa de Juliana Vicente, 2022, reportando-se ao Capão Redondo, zona sudoeste da cidade de São Paulo nos anos 80).

As imagens que conduzem o texto são resultado de uma aproximação ao território a partir do trabalho de recenseador no Censo Demográfico do IBGE. Essas cenas revelam, agora em 2022, possíveis registros da vida envoltos nas cadências cotidianas e apontam uma possível dimensão do projeto, ainda que pontualmente, destacando as grandes estruturas e as singularidades de um lugar.

A cidade densa e compacta, com mais pessoas tendo acesso aos eixos de mobilidade pautou um dos temas centrais do PDE (2014)

Travessia para o CEU. CR, 2022. © OTÁVIO CAMPOS ARANTES

de São Paulo: a partir das ZEU (Zonas Eixo de Estruturação), novas densidades seriam implementadas na cidade, democratizando os recursos e o acesso, qualificando e incluindo a vida comum. A perspectiva era a de um modelo sustentável na macroescala, além de se idealizar uma possível retenção do espraiamento territorial indevido.

Entretanto, o que vimos é que somente o mercado (incorporadores, construtores e bancos) se utilizou dessa alternativa — da boa localização e da riqueza investida — para promover habitações para quem pode pagar — e muito — por ela, agravando a segregação e a desigualdade. Não vimos a cota de solidariedade sendo implementada e nenhuma ZEIS (Zonas Especiais de Interesse Social) sendo realizada nos eixos de estruturação, reforçando o processo especulativo viciado, que obriga a ocupação de áreas de risco e mananciais.

Pode-se constatar que pouco sobrou como alternativa de áreas/localização à democratização da cidade. As periferias continuam sendo lócus da vida da grande maioria da população e elas se transformam no tempo. Essa transformação, resultado desse tempo e da constatação da impossibilidade de se democratizar localização (nosso grande embate político), emerge nas escalas apontadas anteriormente e que vão sendo reveladas como possíveis.

O registro fotográfico em questão representa essa aproximação sucessiva, da articulação macrourbana (as redes de transporte), do espaço "intermediário" e da apropriação mais plena de um lugar como possível à vida compartilhada.

Material documental de cenas sujeitas a uma pluralidade de interpretações, pode nos remeter à identificação de modus operandi presentes no território, inclusive de suas transformações pela ação do projeto e das apropriações criativas. As imagens horizontais remetem a uma certa condição formal — dada pelos equipamentos públicos consolidados — e, as verticais, às marcas dessa cidade feita pela informalidade, que aparecem como benesses ou, no mínimo, potências deflagradoras de outra condição de vida urbana.

O território periférico vai ganhando densidade histórica e revelando potências a serem reconhecidas e ampliadas. A rede de CEUs (Centros Educacionais Unificados) — e mais ainda o anunciado território CEU — representa uma escala que se apresenta como justa e necessária ao acontecimento urbano. Aqui, o papel do projeto como ação do Estado reforça a contribuição disciplinar nas políticas, com vistas a construir territorialidades de cidadania.

Por outro lado, a urbanização precária produzida sem projeto também revela espaços singulares: é o caso das vielas que, quando qualificadas por equipamentos públicos e pelo uso, conformam uma potência urbana e de sociabilidade especiais.

O tempo histórico dos lugares e a criação de vínculos — públicos, coletivos, de vizinhança e solidariedade — podem ser, também, identificados como agentes na transformação dos espaços urbanos focalizados. Se as periferias representam o desafio da dívida social que se materializa nos territórios precários, pode-se reconhecer, também, que adensadas pelo tempo e pelo trabalho humano nelas empregado pelos seus moradores, conformam condições potenciais a serem percebidas e incorporadas na dimensão do projeto, já que apontam práticas sensíveis de sociabilidades e de identidades comuns, transformando os espaços em lugares da vida minimamente desejada.

A noite — na viela onde os garotos se encontram — é um registro desse olhar e aponta múltiplas possibilidades à relação entre a vida e o espaço da cidade, ainda que

Potência e Desejo / O Habitar e o Encontro. CR, 2022. © OTÁVIO CAMPOS ARANTES

essa seja a cidade deixada à margem do direito a ela.

No instante do *clic*, espanta a forma com que o garoto, na sacada de sua residência — semelhante a um púlpito do pastor marginal, — parece recitar o ritmo e poesia consagrados pelos Racionais MC´s, reforçando, a música como "Raio X" territorial, sua atemporalidade e a potência cultural periférica:

> "É lá que moram meus irmãos meus amigos
> E a maioria por aqui se parece comigo
> E eu também sou bam bam bam e o que manda" ⨯

OTÁVIO CAMPOS ARANTES É ARQUITETO URBANISTA, PESQUISADOR, PÓS-GRADUANDO NA UPM E RECENSEADOR DO IBGE / VOLIA KATO É SOCIÓLOGA, PROFESSORA DOUTORA E PESQUISADORA DA FAU-MACKENZIE / LIZETE MARIA RUBANO É ARQUITETA URBANISTA, PESQUISADORA E PROFESSORA NA FAU-MACKENZIE.

REFERÊNCIAS

DUVALL, Hernán. Ciudad y periferia. In: *ARS*, Santiago de Chile: CEDLA, n.6, set. 1985, p.40.

MARICATO, Ermínia. *O impasse da política urbana no Brasil*. Petrópolis: vozes, 2011.

RACIONAIS MCs. Fim de semana no parque in Álbum: *Raio X Brasil*. São Paulo: Zimbabwe Records, 1993. LP. Faixa 2.

SANTOS, Milton. *O retorno do território in território, globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec, 1994.

VILLAÇA, Flavio. *O espaço intra-urbano no Brasil*. São Paulo: Nobel, 2012.